

DRUMMOND COMPARADO: RELATO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

BORGES, F.D.¹; HOFF, Patrícia Cristine²

FONSECA, Cláudia Lorena da³

¹ Universidade Federal de Pelotas | Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa
francelidborges@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas | Letras – Português e Inglês e Respectivas Literaturas
paty_hoff@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas | Centro de Letras e Comunicação | bjk@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho dará conta de alguns aspectos sobre a realização do projeto de extensão ministrado pelas acadêmicas do curso de Letras Francieli Borges e Patrícia Cristine Hoff, de título “Drummond Comparado: o poeta das sete faces & outros”.

A motivação teórico-pedagógica para a realização desse projeto adveio da nossa crença sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no âmbito da graduação, tendo em mente a noção de que as três esferas fazem parte de um mesmo “fundamento metodológico.” Como afirma Lígia Martins em relação ao contexto de formação de professores, a extensão – enquanto atividade de intervenção direta ou indireta na realidade educacional – serve para promover a reflexão crítica do acadêmico acerca da prática docente e todas as suas implicações, mediada pelo “pensamento abstrato construído e retroalimentado pelo ensino e pela pesquisa.” (MARTINS, s.d., p. 8). Nesse sentido, Martins cita Vasquez:

A teoria em si não transforma o mundo. Pode contribuir para a sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e em primeiro lugar tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais efetivos, tal transformação. (VASQUEZ, 1968, p. 26 apud MARTINS, s.d., p.4)

Quando pensamos em texto literário, temos que um princípio básico a ser considerado no ensino de literatura é o da intertextualidade. Pensamos que, por essa ótica, a aproximação intertextual é exercitada como uma forma específica de pensar literatura, entendendo-a como construto cultural, inter-relacionada com outros textos, sejam eles verbais ou não verbais. Relativo a isso, tem-se observado que, desde que os Estudos Culturais entraram em voga, há o consenso de que estudar o texto literário é, além de observar a linguagem, atentar para a história, psicologia, sociologia, antropologia, teoria da literatura etc. Destarte, a partir dessa inter-relação de textos, compreensões e saberes, a literatura comparada se insere como um local cultural.

Para que haja uma compreensão dos textos a partir desse conceito que nos propomos a observar – o comparativo –, é necessário situar a ideia acerca dos pontos essenciais do mesmo, para que ele ganhe clareza:

A Literatura comparada é arte metódica pela busca de laços de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura de outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre si, distantes ou não no tempo e do espaço, desde que pertençam a vários contextos que façam parte de uma mesma tradição, para melhor descrevê-los, compreendê-los e saboreá-los. (CARVALHAL, 1994, p. 216)

Não necessariamente anterior a esse pensamento, mas adjacente a ele, admitimos que todo o texto literário, por carregar uma linguagem essencialmente ambígua e polissêmica, é um texto *aberto*, para usar a definição de Umberto Eco. Tal noção sobre a *abertura* do texto dá conta de que um texto pode ter várias leituras, ou ao menos não apresentar uma leitura última. Isso, no entanto, não coloca o leitor numa posição arbitrária quanto a produzir qualquer sentido de um texto, e sim serve como um pressuposto crítico, um modelo hipotético que responde a todo tipo de obra artística e, por conseguinte, também à obra literária.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O projeto de extensão aqui relatado fora veiculado ao Estágio de Intervenção em Língua Portuguesa cursado pela acadêmica Francieli Borges, sob orientação da professora Cláudia Lorena da Fonseca. A acadêmica Patrícia Cristine Hoff atuara como ministrante convidada no projeto.

A divulgação para o projeto fora realizada via internet e cartazes fixados em locais de circulação acadêmica durante algumas semanas antes do início das aulas. Ao final do período das inscrições, realizada na forma de e-mail, contabilizara-se o total de 36 inscritos. O projeto contara com um público variado, composto em sua maioria por alunos de graduação da Universidade Federal de Pelotas advindos, sobretudo, do curso de Letras, contando ainda com a presença de alunos dos cursos de Pedagogia, Filosofia, Ciências Sociais, Cinema e Audiovisual, Música, entre outros.

Os encontros foram realizados de 10 de maio de 2012 a 21 de junho de 2012, às quintas-feiras, das 14h às 16h30min, na sede do Instituto João Simões Lopes Neto, no Centro de Pelotas/RS. O projeto teve a duração de seis encontros e, no seu término, contabilizara a frequência de participação apresentada por 21 alunos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que concerne à escolha de se trabalhar com e a partir Drummond, esta se deu por vários motivos, sem sabermos identificar a hierarquia dos mesmos. Pensamos, em algum momento, em ampliar a percepção da obra de Drummond para além do poeta consagrado, analisando – além de poemas –, contos e crônicas, identificando possíveis relações entre elas, ou seja, fazendo leituras comparadas dentro da própria antologia drummondiana. Sabemos, por outro lado, que grande parte da obra de Drummond se deu em verso e, a partir disso, considerou-se, também, a possibilidade de aprofundamento de leituras de poesia, ainda pouco privilegiada mesmo em contexto de ensino superior. Outra motivação partiu da imagem gerada pelo senso comum a respeito do poeta mineiro, tido por muitos como um poeta romântico no sentido denotativo da palavra. Tal imagem pode ser questionada ou mesmo desfeita se tomarmos ainda uma quantidade reduzida de obras drummondianas, uma vez que o poeta *gauche* contempla um vasto leque de temas, indagações, reflexões, situações cotidianas etc. Drummond se coloca, portanto, como um exímio poeta do século XX, no qual os que viveram não saíram ilesos.

Além de pensar a obra de Drummond como um compêndio imprescindível à compreensão do homem em seu tempo, não podemos deixar de considerar a genialidade do poeta diante das palavras. O domínio que Drummond apresenta pela escrita é, talvez, o grande motivo pelo qual é considerado o maior poeta brasileiro. Rita de Cássia Barbosa comenta que o escritor reflete e questiona a própria atividade poética, porque sabe que é “poeta do finito e da matéria”; daí sua necessidade de fazer do poema e de seu trabalho poético: “como fugir ao mínimo objeto/ ou recusar-me ao grande? Os temas passam,/ eu sei que passarão, mas tu resistes,/ e cresces com o fogo, como a casa,/ como o orvalho entre os dedos,/ na grama que repousam”. (DRUMMOND apud BARBOSA, 1988, p. 173).

Expressadas as dispensáveis menções à importância da obra de Carlos Drummond de Andrade, comentadas aqui brevemente, parece-nos que a relevância em trabalhar tais textos é a de trazer à tona várias leituras tanto dos textos quanto dos seus possíveis intertextos, propondo a ampliação das reflexões e atualizando as leituras incessantemente.

Ao considerarmos um momento específico durante os encontros, podemos destacar uma dada situação em que atingimos, por assim dizer, os objetivos almejados para esse projeto. No segundo encontro, que aconteceu no dia 17 de maio, nos deparamos com uma reflexão muito interessante proporcionada pelo poema “No meio do caminho”¹, do poeta itabirano. Esse poema, escrito em fins de 1924, causou escândalo e muita divergência quando publicado e mesmo depois, o que levou inclusive Drummond a organizar, em 1968, uma antologia reunindo várias paródias, paráfrases e comentários até então publicados sobre esses poucos versos².

Trazendo esse poema para o encontro, pudemos perceber que “No meio do caminho” continua, digamos, *polêmico*, e não esgota as possibilidades de interpretação, tampouco encerra as discussões sobre seu teor polissêmico. Das primeiras leituras, muitos participantes colaboraram acerca de suas impressões sobre os textos. Daí saiu a primeira questão levantada, ponderando se a “pedra” era hipotética, literal e/ou metafórica, e caso fosse essa última, discutiu-se acerca de quais metáforas o poema poderia representar. Com tais questões em suspenso, foi interessante notar, na sequência, o envolvimento do grupo acerca da construção *formal* do poema, uma vez que vínhamos trabalhando até então com leituras de ordem mais temática. Disso observou-se que a forma do poema chamou mais a atenção, sua suposta repetição, quebra de expectativas e reconfiguração de ideias. O grupo percebeu-o como um poema que se comunica com o leitor, que o incomoda, que o constrange e, por isso, fruto de muitas indagações.

Acrescida a essa leitura que atentou, sobretudo, para a forma *peculiar* do poema, a relação intertextual que trouxemos e que aprofundou a reflexão foi a afinidade entre “No meio do caminho”, de Drummond, e os primeiros versos d’“A Divina Comédia”, de Dante Alighieri:

Nel mezzo del camin de nostra vita
 mi retrovai por una selva oscura:
 ché la viritta via era smarrita.

¹ “No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ tinha uma pedra/ no meio do caminho tinha uma pedra./ Nunca me esquecerei desse acontecimento/ na vida de minhas retinas tão fatigadas./ Nunca me esquecerei que no meio do caminho/ tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ no meio do caminho tinha uma pedra.”

² “Uma pedra no meio do caminho – Biografia de um Poema”.

(A meio caminho de nossa vida
fui me encontrar em uma selva escura:
estava a reta a minha via perdida.)

Dessa associação textual, retomou-se a questão primeira a respeito do possível significado da “pedra”, agora considerada como elemento metafórico – leitura pouco privilegiada anteriormente –, se colocada em oposição à “selva” dantesca, a qual é possível transpor, inclusive com a ajuda de um guia, Virgílio. A pedra drummondiana, ao contrário, é intransponível, ela pertence ao caminho (ideia dada pelo ver “ter” em contraste com o verbo “haver”, que dá mais mobilidade ao seu objeto sintático). Nisso surgiram analogias como se a pedra representasse as dificuldades e impetuosidades do caminho, por sua vez analogia para vida. Daí, por conseguinte, surgiram outras leituras de caráter metafórico, numa cadeia alongada de possibilidades.

4 CONCLUSÃO

À luz dessa comunicação, optamos por trazer tal discussão acerca de “No meio do caminho” pelo entendimento de que esse tenha sido um momento de profícua reflexão sobre o objeto literário (o texto em si, a construção linguística, a forma, as referências) e também sobre suas relações com outros textos, que antes de esgotar as leituras do texto primeiro, ampliam o alcance do poema. Assim, propusemos ao longo do projeto a leitura crítica de obras de Drummond e outros autores, almejando sempre produzir a partir delas várias leituras e, por isso, nenhuma leitura última, considerando o texto literário essa entidade que “transforma incessantemente não só as relações que as palavras entretêm consigo mesmas [...], mas estabelece com cada leitor relações subjetivas que o tornam um texto móvel (modificante e modificável)” (D’ONOFRIO, 2006, p. 14).

5 REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Rita de Cássia. **Literatura Comentada: Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- D’ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 2006.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CARVALHAL, Tânia Franco & COUTINHO, Eduardo F. (org). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. **Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar**. Revista Brasileira de Literatura Comparada. Niterói: Abralic, n.1, p.9-21, 1991.
- MARTINS, Lígia M. **Ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade**. Unesp, s.d. Disponível em <http://www.ppg.ufrn.br/conteudo/documentos/cursoiniciacao/ensino_pesquisa_extensao.pdf>. Acessado em 08 de maio de 2012.